

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**  
**CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**MARIA EDUARDA ROCHA E MELLO**

**DO FEITIÇO A BANALIZAÇÃO DO MAL: Uma releitura de como a  
propaganda nazista influenciou a ascensão do antissemitismo na segunda  
guerra mundial.**

**RECIFE**

**2015**

**MARIA EDUARDA ROCHA E MELLO**

**DO FEITIÇO A BANALIZAÇÃO DO MAL: Uma releitura de como a  
propaganda nazista influenciou a ascensão do antissemitismo na segunda  
guerra mundial**

Monografia apresentada à Faculdade Damas  
da Instrução Cristã - FADIC, como requisito  
para obtenção do título de Bacharel em  
Relações Internacionais.

**ORIENTADOR: Prof. MSc. Pedro Soares**

**RECIFE**

**2015**

**MELLO, M. E. R**

**Do feitiço a banalização do mal: uma releitura de como a propaganda nazista influenciou a ascensão di antissemitismo na segunda guerra mundial. Maria Eduarda Rocha e Mello. Recife: o Autor, 2015.**

**57 folhas.**

**Orientador: Profº Pedro Soares**

**Monografia (graduação) – Bacharelado em Relações Internacionais - Faculdade Damas da Instrução Cristã. Trabalho de conclusão de curso. 2015.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Relações Internacionais 2. Publicidade 3. Marketing Político 4. Nazismo 5. Comunicação em massa.**

**327 CDU (2ªed.)  
327 CDD (22ª ed.)**

**Faculdade Damas  
TCC 2015 – 324**

**MARIA EDUARDA ROCHA E MELLO**

**DO FEITIÇO A BANALIZAÇÃO DO MAL: Uma releitura de como a  
propaganda nazista influenciou a ascensão do anti semitismo na segunda  
guerra mundial**

Monografia apresentada à Faculdade Damas  
da Instrução Cristã - FADIC, como requisito  
parcial para obtenção do título de Bacharel em  
Relações Internacionais.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador: Pedro Gustavo Cavalcanti Soares  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Andrea Tavares  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Osvaldo Bruno de Castro Vieira  
**FACULDADE METROPOLITANA**

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
<b>1. PODER MILITAR, ECONÔMICO E DE PROPAGANDA .....</b>	<b>14</b>
1.1 DO DOMÍNIO AO PODER .....	20
<b>2. FATORES QUE LEVARAM A CRIAÇÃO DE UM REGIME NAZISTA TOTALITÁRIO E A CRIAÇÃO DA PROPAGANDA NAZISTA .....</b>	<b>24</b>
2.1 O TOTALITARISMO E SUAS IDEOLOGIAS .....	24
2.2 ANTECEDENTES DO NAZISMO .....	28
2.3 MANIPULAÇÃO E PERSUASSÃO .....	29
<b>3. COMO A PROPAGANDA NAZISTA ERA GUIADA PELO ANTI SEMITISMO.....</b>	<b>30</b>
3.1 O SIGNIFICADO DA PROPAGANDA .....	30
3.2 PROPAGANDA NAZISTA E O ANTI SEMITISMO.....	31
3.3 A BANALIDADE DO MAL .....	33
3.4 UMA NOVA FORMA DE GOVERNO.....	35
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
REFERÊNCIAS .....	39

**Referência de Imagens:**

**Quadro de Otto Dix .....11**

# **ASCENSÃO DO ANTISSEMITISMO ATRAVÉS DA PROPAGANDA NAZISTA**

## **Uma releitura de como a propaganda nazista influenciou a ascensão do antissemitismo na segunda guerra mundial**

**Maria Eduarda Rocha e Mello**

### **Resumo**

Propaganda pode ser definida como uma ferramenta de difusão de mensagens de caráter ideológico com a finalidade de influenciar o comportamento da sociedade. Publicidade, como uma ferramenta cujo objetivo é tornar marcas conhecidas e desejadas, com eminente apelo comercial. No marketing político contemporâneo há uma evidente fusão entre conteúdo ideológico e forma publicitária com o intuito de construir identidades de marcas de políticos, somatório de ideologias professadas, ações realizadas e comunicação efetivada junto aos eleitores-consumidores (cidadãos). Nesta monografia, serão abordados conceitos e características presentes na propaganda nazista como forma de difundir a ideologia dominante, distinguindo a comunicação como uma forma complexa de relacionamento entre Estado e cidadãos, com o objetivo de consolidar o poder de grupos hegemônicos sobre as diretrizes de comportamento social da população.

**Palavras-Chave:** Publicidade, Propaganda, Marketing Político, Nazismo, Comunicação de Massa.

## **Abstract**

Propaganda can be defined as a broadcast tool of ideological messages in order to influence the behavior of society. Advertising as a tool that aims to make known and desired brands , with eminent commercial appeal . In the contemporary political marketing there is a clear fusion of ideological content and advertising format in order to build identities of political brands , sum of professed ideologies , actions taken and effective communication with voters - users ( citizens) . This monograph will be addressed concepts and features present in Nazi propaganda as a way to spread the dominant ideology , distinguishing communication as a complex shape relationship between state and citizens , in order to consolidate the power of hegemonic groups on the social behavior guidelines population .

**Keywords:** Advertising, Propaganda, Political Marketing, Entertainment, Mass Communication.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus, que a todo momento me fez acreditar que conseguiria realizar este trabalho. A minha família, amigos e noivo, que tantas vezes foram deixados de lado para que eu concluísse a monografia. Agradeço ao Professor Orientador Pedro Gustavo Cavalcanti Soares pela ajuda e paciência dedicada à orientação, assim como aos meus colegas internacionalistas.

## INTRODUÇÃO

Em 1918, ao fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha derrotada foi submetida a humilhações e cobranças por parte dos países vencedores. A população ficou marcada por vários efeitos da guerra, que se refletiam em todos os setores: econômico, social, cultural etc. Sua reorganização política, conhecida como a República de Weimar, foi caracterizada por forte polarização à direita (Nazismo) e à esquerda (Comunismo). Do ponto de vista econômico o país conseguiu resultados satisfatórios entre os anos de 1924 e 1929, principalmente devido a investimentos estrangeiros, sobretudo dos Estados Unidos.



Pintura de Oto Dix, retratando a Primeira Guerra Mundial e seu Cenário devastador.

Entretanto, com a quebra da Bolsa de Nova York em 1929, a economia alemã naufragou junto a de seu principal investidor, os EUA.

O Partido Nazista cresceu gradativamente, elegendo representantes para o parlamento da República de Weimar. Em 1933, após sua sede ter sido criminosamente incendiada (e o crime ter sido reportado aos comunistas), Adolf Hitler e os nazistas ascenderam ao poder e iniciaram a ditadura nazista, consolidada em 1934 quando Hitler agregou os títulos de chanceler, de presidente e de *führer*. A ideologia instituída no poder, dentre outras coisas, pregava um forte intervencionismo estatal na economia, o que eliminou o desemprego e provocou o rápido desenvolvimento industrial; o antissemitismo; centralização do poder e estado policial; corporativismo; expansionismo geográfico. As mensagens e imagens veiculadas pela máquina de propaganda nazista somente obtiveram êxito na conquista da sociedade alemã por haver terreno fértil e uma predisposição do povo em aceitar as ideias que eram cultivadas

A ditadura nazista foi o primeiro regime de governo que se utilizou de modo pleno dos instrumentos tecnológicos para dominar o seu próprio povo, com o uso ostensivo da

propaganda e de produtos culturais para a difusão ideológica através de mídias de massa como o rádio e o cinema (além das mídias impressas, promoção de eventos, exposições e o uso da incipiente televisão), além dos aparelhos ideológicos (igrejas, escolas, família, legislação, partido político, sindicatos, cultura, informação) e os aparelhos repressivos do Estado (polícia, forças armadas, aparatos especiais, etc.).

O conjunto de elementos da indústria cultural, como mídia, imprensa, críticos de cinema, exibidores, formadores de opinião, dentre outros, influenciados pelo Estado Nazista, funcionava como ferramenta de condicionamento social. Os nazistas elaboraram uma síntese de todas as técnicas de manipulação da opinião até então existentes, incluindo desde elementos da mitologia germânica e da liturgia católica, até as técnicas modernas de agitação comunista, publicidade comercial americana e do estudo da psicologia de massas. Tudo, somado ao controle estatal dos meios de comunicação de massa (MCM), possibilitou condicionar o povo alemão à doutrina nazista.

O Ministério Nacional para o Esclarecimento Público e Propaganda, comandado por Joseph Goebbels, controlava toda a produção cinematográfica nacional, apoiando com verbas os roteiros que se enquadrassem na ideologia nazista e proibindo filmes com teor contrário ao regime. Os estúdios cinematográficos deviam ser fábricas de sonhos, filmes de entretenimento nos quais o cidadão comum buscava lazer, não politização.

Para Goebbels, a boa propaganda era aquela que passava despercebida, abordando temáticas cotidianas: estes problemas penetrariam na vida sentimental dos alemães e de outros povos tão eficazmente quanto mais naturalmente fossem tratados. É geralmente uma característica essencial para a eficácia da propaganda, que ela jamais apareça como se desejada. No instante em que a propaganda se torna consciente, ela é ineficaz. Mas do momento em que ela permanece como tendência, como caráter e como atitude ao fundo e aparece somente através do tratamento da narrativa, da trama, da ação e dos conflitos humanos, torna-se totalmente eficaz em todos os aspectos.

Através de aparatos culturais como imprensa, rádio, cinema, literatura, teatro, música, artes plásticas, arquitetura, revistas, livros educacionais, exposições, concentrações públicas, etc., o Estado Nazista difundiu para o povo alemão mensagens de culto ao líder (Adolf Hitler); pureza da raça superior; nacionalismo; coletivismo e cooperativismo; valorização da família; o homem novo e a sociedade perfeita e; estereótipos dos inimigos da nação, com o comunismo representando a ameaça aos valores ocidentais e os judeus com planos de dominação mundial.

O partido nazista sempre valorizou a linguagem imagética para a veiculação de ideologias e conquista das massas, principalmente com o uso do apelo emocional; a limitação e repetição de conteúdo e; o uso de imagens na construção de mensagens ideológicas. Neste sentido, os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, foram utilizados para mostrar ao mundo a eficiência da administração nazista e minimizar os boatos que começavam a surgir sobre perseguições a algumas minorias. A grandiosidade do evento, nunca antes nesta monta, a gentileza e a organização presentes em Berlim funcionaram como uma grande ferramenta de propaganda. Aliás, como os Jogos Olímpicos continuam sendo tratados até hoje para a construção de identidades nacionais.

A construção ideológica da política racista que fundamentava o nazismo tinha duas faces: a primeira, construtiva e destinada a promover a família, o povo e a raça; a segunda, destrutiva, visava eliminar os indivíduos declarados indignos de viver na Alemanha nazista. O maniqueísmo da mensagem, opondo o bem e o mal, facilitava a compreensão das massas, o que seria uma das razões do êxito da propaganda nazista: o predomínio da imagem sobre a explicação, do sensível sobre o racional. Para tanto, valeu-se fortemente do uso de estereótipos.

Para o pensador norte-americano Walter Lippmann, o poder do mito ou do estereótipo era capaz de aumentar o entusiasmo popular. E a máquina de propaganda nazista se valia disso na difusão de sua ideologia para a sociedade alemã. No somatório da produção cinematográfica alemã é notório que a construção da identidade do novo homem alemão é contraposta às imagens dos inimigos da pátria, de modo que no plano superestrutural, com o conjunto de aparelhos ideológicos do Estado e do uso integrado aos meios de comunicação de massa, não havia como escapar da influência ideológica da máquina de propaganda nazista.

## 1. PODER MILITAR, ECONÔMICO E DE PROPAGANDA

Segundo o filósofo grego Aristóteles, todo homem é um animal político, pois em sociedade ele pode reagir a seus iguais de forma egoísta ou de forma a querer agradar e satisfazer o próximo, sendo sociável e até mesmo se subordinando. A palavra sociedade tem origem no latim, *societas*, significando “associação amistosa com outros”, e então, para sua existência, deve haver um mínimo de solidariedade entre os seus indivíduos. O indivíduo dentro de uma sociedade já nasce com regras anteriores a ele que lhes serão impostas. Emile Durkheim chamou essas regras de “fato social”, as práticas religiosas, culturais, políticas, econômicas existem antes do nascimento e lhes são impostas ao longo de sua vida, muitas vezes sem a sua própria percepção. Fato social são então as normas sociais existentes em sua contemporaneidade, ocorrendo uma coerção sobre o indivíduo dentro de uma sociedade para que este as siga, sendo elas muitas vezes absorvidas de tal forma que o próprio indivíduo acredita que elas sejam naturais, e não criadas de forma social (DURKHEIM, 1972). A sociedade poderá então ser controlada por uma força maior, podendo esta ser um grupo, ou apenas um indivíduo, que irá exercer de seu poder para a manutenção da cooperação e do fato social dentro da sociedade.

Com o fim do feudalismo, e a ascensão do Estado moderno territorial europeu, que começa a surgir no século XVII, cresce a centralização do poder político e do controle territorial. Assim então o Estado moderno, de forma centralizada, institucionalmente cria normas e exerce coerção sobre a sociedade existente dentro de seu território, delineando assim o fato social. Para tal vai ser amplamente difundida a questão da identidade nacional, criando dentro da sociedade um sentimento de união, de pertencimento ao território, e assim de necessidade de preservação de seu povo, seus hábitos, seu território, para as gerações futuras. Sobre este assunto CASTRO (2011) coloca que:

A partir do final do século XIX e início do XX, a consolidação da forma moderna do Estado como um projeto territorial e socialmente enraizado teve no nacionalismo um recurso ideológico necessário (...). Na construção do imaginário nacional, forjado pelo nacionalismo, o território tornou-se progressivamente um patrimônio que a nação deve preservar como herança para as novas gerações, sendo a ordem estatal a sua garantia (CASTRO, 2011, p.45).

A sociedade política no Estado moderno se baseia em sentidos de interesses e obrigações comuns entre seus membros, para que os sociáveis vivam em harmonia e, de acordo com os objetivos dos seus governantes vigentes, uma coerção é exercida sobre eles,

gerando uma lealdade e obediência. Por lidar com homens que teoricamente teriam suas próprias consciências, a sociedade política possui um caráter dualista, trabalhando sempre com a coerção e a consciência do indivíduo, combinados.

A coerção comentada não se dá necessariamente pela força, se usa, através do incentivo ao nacionalismo, do poder de persuasão para criar uma união entre o povo e a noção de um inimigo comum, o inimigo da pátria. Estimulando-se esta noção de identidade nacional, de um povo único dentro de um território delimitado, criam-se ferramentas para que o Estado possa persuadir seu povo de que o está governando para os interesses gerais da nação. Criando um inimigo comum, o Estado também cria uma união, colocando este como ameaça aos interesses da nação como um todo, e, por assim ser, de seu povo. Para conseguir governar um Estado, os governantes precisarão sempre andar de mãos dadas com a política, e com o poder, exercendo assim a chamada política de poder.

É preciso aqui uma discussão acerca da compreensão do que se entende enquanto poder. O poder não está ligado apenas às estruturais estatais, ou formais. Ele está na realidade presente nos diversos grupos e instituições sociais existentes que acarretem diferentes tipos possíveis de relacionamentos. Assim, está presente sim dentro das formas mais tradicionais como nos relacionamentos patrões-empregados, ou Estado-povo, mas também nas relações familiares, no seio de um grupo de amigos da escola, ou mesmo em um relacionamento amoroso. Não entendemos aqui o poder enquanto necessariamente ligado ao que se coloca de forma comum como imposição, obrigação, mas sim em uma abordagem mais complexa. Para entender as formas de poder, é preciso entender as formas de relacionamentos. Neste sentido, o poder de fato do Estado não seria uma imposição, mas uma espécie de contrato social, e por isso a necessidade deste de criar uma união entre seu povo, desenvolvendo sua capacidade de melhor poder representa-lo, e tornando-se assim legítimo. Com esta compreensão, pode-se relacionar o decréscimo do poder estatal ao aumento da violência estatal, pois quando os governantes não conseguem mais exercer seu poder na sociedade, não forem mais considerados como representantes daquele povo, estes poderão agir com violência, para se manter em seus papéis. Com esta compreensão do conceito de poder, corrobora-se neste trabalho com Hannah Arendt, quando esta coloca que:

O 'poder' corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está 'no poder' estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder

(potestas in populo, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, ‘o seu poder’ também desaparece” (ARENDDT, 1985, p.24).

Em diversos momentos da história, foi verificada a ineficiência da política sem o poder e vice-versa. Na Alemanha, em 1848, por exemplo, a República de Weimar fracassou, pois ao impor certas medidas políticas para seus indivíduos, não utilizou o apoio do poder militar e teve seus ideais derrubados. Uma coordenação de moral e poder se faz necessária ao se implantar uma ação política nunca separada. Na política internacional o poder será sempre um elemento essencial, e é mais fácil começá-la onde estão as massas. Um assunto só torna-se política entre os Estados quando o poder entre ou sob eles por outro Estado está em questão. Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a política de poder era uma recordação dos tempos ruins vividos na grande guerra, e este pensamento perdurou por mais de dez anos, devido às grandes potências da época, para manterem o *status quo*<sup>1</sup> terem monopolizado o poder em suas mãos sem perda de influência ou mudança de cenário.

Em 1931, o cenário internacional começa a mudar, pois o poder que as potências do *status quo* haviam adquirido e mantido estava terminando e a disputa pela política de poder estava apenas começando. O termo política de poder vem do alemão *Machtpolitik*, significando a política da força. Neste sentido, a política de poder está relacionada ao uso da força na condução das relações internacionais, ou, pelo menos, da ameaça do uso da força (WIGHT, 2002). Aliada ao fortalecimento do nacionalismo alemão, a política de poder empregada buscava uma valorização do Estado alemão, colocando-o, junto com seu povo, como superior aos demais. Investe-se então na tentativa de domínio de outros Estados existentes e geograficamente próximos, com o intuito de aumentar suas áreas de dominação, de representação política e, assim, de poder. Esta ferramenta é indispensável para um governo que se acha superior e no direito de dominação e, com isso, internacionalizar seu poder significa se expor e mostrar a capacidade de governar e influenciar outros governos.

Além de influência sobre outros Estados, a Alemanha buscou também ampliar seu espaço territorial. Apropriou-se de conceitos acadêmicos como o do geógrafo alemão Friedrich Ratzel, o espaço vital, para expandir na sociedade seus ideais. Através da defesa da necessidade do espaço vital o governo nazista difundia a ideia de que seria preciso integrar as comunidades germânicas dispersas na Europa, unindo-as territorialmente. Assim, justificava seus ataques militares e ganhava apoio por defender a ideia de necessidade desse espaço vital.

---

<sup>1</sup> O conceito inicial do *status quo* tem origem na expressão diplomática “*in statu quo ante bellum*”, que significa “como era antes da guerra”, que significava recuperar a situação de poder e liderança que havia antes de uma guerra.

De fato o conceito ratzeliano apropriado pelos nazistas foi deturpado de seu significado inicial. Ao defender o espaço vital, Ratzel colocava a necessidade dos povos de defender seu próprio território, seus recursos naturais, seus hábitos. Ao se apropriar de tal conceito, os nazistas o deformam para coloca-lo sob a ótica da necessidade de expansão territorial, da necessidade de se apropriar de outros recursos, outros espaços, para manter a sobrevivência de seus povos e, assim, dominar os considerados povos inferiores.

Na esfera internacional, Hobbes diz que o poder político irá se dividir em três categorias: poder militar, poder econômico, e poder sobre a opinião. Um Estado que seja considerado influente dentro da política internacional, e por assim ser será detentor de poder político internacional, terá o domínio das três categorias, sendo elas interdependentes.

Nas relações internacionais o primeiro tipo de poder citado, o poder militar, é de suprema importância, estando todo ato do Estado voltado para esta ferramenta voltado para guerra. Não necessariamente o poderio militar de uma nação será utilizado, mas sua simples existência demonstra força e manutenção do poder, podendo vir a ser um futuro recurso útil. Segundo o estrategista, Carl Von Clausewitz, e teórico da guerra do governo da Prússia, “a guerra não é nada mais do que a continuação das relações públicas por outros meios” (Clausewitz , 1984, p. 69), frase esta repetida por Lenin e também pelo líder alemão Adolf Hitler. As grandes potências do mundo moderno estão classificadas também de acordo com suas qualidades e eficiência do seu equipamento militar, tanto bélica como humana, e só ganharam este status por já terem obtido sucesso em alguma grande guerra. Para manterem-se visados e conseqüentemente comprovarem sua força militar, os seus governantes periodicamente sempre exaltavam a eficiência do seu exército, marinha, e força aérea, nunca se acomodando, e sempre almejando por mais conquistas.

O segundo tipo de poder citado se refere ao poder econômico. Engels, filósofo alemão e um dos criadores do marxismo, afirma que “os fundamentos da guerra estão, primordialmente, na vida econômica geral dos povos” (CARR, 2001, p. 195). Comparando-se as guerras anteriores à primeira grande guerra, em nenhuma outra guerra a vida econômica das nações participantes estava ligada à organização da autoridade política, a partir da primeira grande guerra o braço armado e o braço econômico estavam diretamente ligados. A riqueza sem dúvida é vista como fonte de poder político e domínio sobre outros povos, e com as guerras as nações buscam aumentar suas riquezas, seus recursos, não podendo assim se separar a guerra da questão econômica. Através de sanções econômicas, ou barreiras, uma nação pode também atuar sobre outra, impedindo, ou atrapalhando, o seu desenvolvimento.

Assim, o poder econômico é forte influente, junto ao militar, de um Estado dentro das relações internacionais.

As sucessivas vitórias alemãs em suas tomadas durante a segunda grande guerra (1939-1945) só foram possíveis através de um sistema industrial desenvolvido e de um poderio militar forte. Além da força militar, inutilizar o poder econômico do inimigo tornou-se um objetivo de guerra, e começou a ser chamado também de “Potencial de Guerra”. Uma economia planejada significava um bom controle do Estado. Estado este que tinha objetivos políticos na vida econômica da nação. Os Estados passaram a buscar uma autarquia, que significava estar pronto para a guerra tanto em força militar como em produção de bens manufaturados, criando assim uma não dependência do produto externo. As grandes potências, após a Primeira Guerra, começaram a sentir uma grande pressão de Estados com potencial de crescimento. Um exemplo de nação que sofreu com esta pressão foi a França, que, após 1931, teve que parar de exportar capital e já não podia mais continuar sua política de assistência financeira aos países aliados na Primeira Grande Guerra .

Devemos considerar o fato de que tanto o poder econômico como o poder militar podem ter o mesmo grau de destruição, pois assim como uma série de ataques aéreos podem causar danos, o bloqueio de fronteiras também o pode. Nesta linha de raciocínio, ambos os tipos de poder podem ser utilizados para os mesmos fins. O que irá definir qual ferramenta será utilizada, será o estudo de qual será suficiente para a realização dos propósitos do governo. Então, de acordo com os resultados buscados, poderá se optar por ataques econômicos ou militares. De forma geral, usualmente se faz uso primeiramente de ataques através do uso do poder econômico para posteriormente, caso não se obtenha sucesso, se optar por ações físicas mais violentas, consideradas menos civilizadas, que são as militares, a guerra.

A terceira e última forma de poder citada, mas não menos importante, é o poder sobre a opinião, que está sempre associado com o poder político e o poder econômico. Com o poder da opinião é possível alargar as bases políticas, e este é utilizado como arma de controle sobre as grandes massas, que nem sempre são politicamente conscientes, e que serão guiadas por interesses em comum. Hitler, por exemplo, foi forte adepto do uso do poder sobre a opinião. De fato este estabelecia um padrão de modo de vida a ser seguido e o difundia enquanto verdade absoluta, sendo obrigatória a adaptação de todos a este novo modo de vida. No entanto, ele não buscou apenas impor sua vontade, mas sim criar uma liberdade de opinião fictícia para a massa, onde esta acreditava ser livre para pensar, mas, de fato, Hitler utilizava do poder de propaganda para que a massa seguisse sua linha de raciocínio. Assim, através da

propaganda, ele controlava a suposta liberdade de opinião do povo para que ela não existisse, e que o povo seguisse o pensamento que o *führer* os induzisse a seguir.

Para fazer uso do poder sobre a opinião, o governo nazista apropriou-se da educação popular universal como forma de o Estado alemão tornar esse tipo de poder eficiente e que alcançasse a todos. Assim, o Estado, que oferece a educação, necessariamente também determina o seu conteúdo, não permitindo nenhum tipo de pensamento contrário à política que é aplicada em seu governo. A força e a disciplina eram instrumentos admiráveis aplicados na educação dos cidadãos de governos totalitários, todos deveriam respeitar as tradições, crenças e instituições de seu próprio país, crendo que não haveria forma de governo melhor do que aquela que era oferecida. A forma de disseminar o poder sobre a opinião através da propaganda se dava através de rádio, cinema e imprensa, e o monopólio desses meios de comunicação pode ser uma condição para o trabalho econômico eficiente e retorno das massas para expectativas do governo. A gerência destas propagandas cada dia mais se concentrou em menos pessoas, facilitando o controle de opinião de forma centralizada. No país alemão, por exemplo, os meios de propaganda se tornaram indústrias estatais controladas absolutamente pelo governo.

Nas relações internacionais, antes da Primeira Grande Guerra, diversos líderes já utilizavam da propaganda, mas apenas com o objetivo de fazerem pronunciamentos para governos estrangeiros, como uma tentativa de influenciar o poder público de uma forma geral. Foi no governo soviético que a propaganda foi introduzida como instrumento normal das relações internacionais, quando a Rússia estava muito fraca no que diz respeito ao poder econômico e militar, e conseguiu, através de sua influência sobre outros países, transmitir para seu inimigo uma meia verdade, aparentando estar forte e preparada para um futuro ataque. Com este mesmo tipo de pensamento, no período da grande guerra (1914-1918), foi compreendido que as guerras econômica e militar deveriam estar acompanhadas da guerra psicológica, sendo esta uma condição para que, além da vitória pela força, a moral dos países vitoriosos fosse exaltada e mantida.

Com o final da Primeira Guerra foram abolidos os ministérios e os departamentos de propaganda, desmobilizando essa forma de poder, o que não foi suficiente para alguns países continuarem a utilizar este meio de poder e criar novas agências para influência de opinião pública interna e externa. Foram exatamente vinte anos de paz durante o entre guerras, e foi neste período que a popularização da política internacional e a eficiência dos métodos de propaganda ganharam mais força. Por ser internacionalmente reconhecida como uma arma política nacional, a propaganda nos dias atuais chega a possuir cláusulas próprias para

estipular e dar rédeas ao uso da mesma em acordos políticos. Um exemplo disto foi no acordo entre as companhias de radiodifusão alemã e polonesa, que asseguravam que “a matéria difundida não ofendesse, de forma alguma, os sentimentos nacionais dos ouvintes nacionais da outra parte contratante” (LIGA DAS NAÇÕES, 1936, p.4). Tais medidas chegaram a afetar de forma direta os governos democráticos que defendiam que nenhuma forma de expressão seria oprimida ou limitada e que opiniões sobre questões internacionais poderiam ser discutidas.

Sobre a propaganda e o uso da mesma podemos concluir que a opinião é condicionada pelo interesse e pelo status e uma nação ou classe dominante tem posição privilegiada no que diz respeito ao direcionamento da propaganda e imposição das suas ideias. Hitler chegou a dizer que “por meio de uma propaganda astuta e persistente o mesmo céu pode ser representado a um povo como o inferno, e a vida mais infeliz como o paraíso” (HITLER, 1925, p.302). O poder absoluto sobre a opinião é limitado pela necessidade de algum grau de relacionamento com o fato e o pensamento utópico inerente à natureza humana. A forma pela qual o poder da propaganda é utilizada deve ser pensada muitas vezes quando aplicada, pois ao mesmo tempo que esta pode enaltecer algo, pode o destruir, no momento em que algo é repassado devem-se existir fundamentos que deem veracidade ao que está sendo propagado. Assim, é preciso haver algum tipo de regulamentação, uma vez que a propaganda muitas vezes age sobre o ser humano através de seu subconsciente, sem este nem mesmo perceber.

## 1.1 DO DOMÍNIO AO PODER

Thomas Hobbes, filósofo político e autor do *Leviatã*, diz em seu livro que os homens podem todas as coisas e, para tanto, utilizam-se de todos os meios para atingi-las, e são maus por natureza, por possuírem um poder de violência. O convívio entre os homens tende a um objetivo máximo, que será a preservação da vida e a supressão da sua dor, numa relação de ajuda mútua, para a manutenção desta finalidade. Pode não ser de boa vontade, mas sim convencional e tolerável, para que os homens fujam do estado de guerra generalizada de todos contra todos, já que cada um possui seus ideais. A necessidade de criação do Estado surge para fazer a manutenção desses homens e controlar seus anseios a partir de um **contrato social** que visa à abdicação do poder ilimitado de cada um e um redirecionamento desse poder (poder de política) para a manutenção da ordem e da estabilidade. Assim, se criam regras e

leis sociais para que se atinja um bem viver em sociedade, e se tente diminuir as possíveis problemáticas existentes.

A liberdade absoluta e a evidência da potência das faculdades naturais do homem desencadeiam uma desconfiança recíproca e contínua, gerando medo. A lei que irá imperar entre eles para conseguir controlar esse medo será a força, e o mais forte irá triunfar e determinar o que convém, buscando a paz e segurança comum. No cenário da segunda grande guerra, a Alemanha nazista buscava ampliar sua influência política em escala global expandindo suas fronteiras e atacando os territórios vizinhos, buscando mostrar e provar o poder de força que o Estado alemão possuía. Para Hobbes, existe a importância de diferenciar o temor e o terror que o soberano pode causar em seu Estado; sendo o terror o que existe no estado de natureza quando a violência é generalizada, e o temor o mecanismo pelo qual os ímpetos humanos de cunho negativo seriam inibidos.

Nicolau Maquiavel, pensador do movimento renascentista, dizia que o temor era elemento principal para que existisse a soberania, e também que o soberano deveria saber lidar com ambas as ferramentas, terror e temor. Para Maquiavel, o soberano possui um maior grau de veracidade, não depende só da natureza humana, ele não é tão puro quanto para Hobbes. Em sua principal obra, *O Príncipe* (1513), o autor florentino diz que o soberano age de acordo com a situação em que vive para que permaneça na liderança e, a partir desse pensamento, pode-se tentar compreender, mesmo que os valores morais não correspondam a tais ações, a forma de operar de Adolf Hitler, que possuía um grande domínio da manutenção do seu poder de forma centralizada. Suas ações, através da propaganda política, disseminavam seus ideais de forma concreta e traziam uma fidelização e respeito da massa.

O líder nazista sabia bem como manipular seus seguidores, ele utilizava do poder que havia conquistado e que lhe foi concedido pelo povo alemão e também utilizava a ferramenta de dominação onde a população permitia se tornar subordinada e exaltava ao máximo as ações de Hitler. O nazismo foi um regime totalitário que se baseou bastante com o regime fascista da Itália, que o cientista político Bobbio (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, Dicionário de Ciência Política, Brasília, Universidade de Brasília, 11ª Edição, 1998, p.466) define nas seguintes palavras:

Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos

de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente irigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais.

Por ter um grande carisma e também possuir um grau de oratória elevado, Adolf Hitler conseguiu através dos meios de comunicação de massa mobilizar a população alemã a seu favor, mostrando-se sempre muito certo sobre seus ideais e quais as melhores medidas que o povo deveria tomar para que o país superasse da melhor forma possível a crise econômica que viria após a primeira guerra mundial. Se fosse possível optar por uma forma de governança sem conflitos, a opção seria essa, mas Hitler contava também com o poder que, segundo Joseph Nye (NYE,2004, SOFT POWER), poderia se subdividir de acordo com objetivos e métodos que iriam ser utilizados. Neste sentido, o *hard power*, poder duro, utilizaria de métodos coercitivos, contando com uma ação de forças armadas e também de retaliações de ordem econômica, tais como bloqueios de fronteiras. O *soft power*, poder brando, seria a capacidade de conquistar objetivos por meios do convencimento, influência de ordem ideológica e cultural, algo que não fique tão explícito para a massa. Assim, poderíamos entender o *hard power* como forma de poder de coerção física, através do uso da força, e o *soft power* mais como modo de persuadir o outro, sem o uso da força.

De forma geral, quando o *soft power* não apresenta os resultados buscados, os métodos do *hard power* são acionados. Na Alemanha nazista a propaganda era considerada um dos principais pilares da organização política totalitária, podendo este fato ser comprovado pela existência de um ministério voltado para a propaganda, que era liderado por Joseph Goebbels, homem de confiança do *führer*. Através do uso da propaganda para meios políticos, o nazismo atuou com o *soft power*, buscando produzir propagandas mais densas, chegando a representar uma sociedade ideal e perfeita para uma raça pura e homogênea germânica. Com o uso de tais métodos, buscou-se a persuasão do povo alemão da necessidade e do grande bem que tal sociedade faria com seu surgimento, persuadindo o povo, formou-se uma grande unidade nacional apoiadora do regime totalitário, que, acreditando nos ideais ditados pelo *führer*, se transformariam em uma excelente massa de manobra para o ditador nazista.

Nye ainda aponta uma terceira espécie de poder, sendo este o de *smart power*, ou poder inteligente, cuja a intenção é uma aliança entre os elementos do *soft* e *hard power*, capaz de gerar bons frutos para quem os detém. A Alemanha nazista contou com os três

poderes citados por Nye. De fato, como se colocou anteriormente, foi de grande importância o uso do *soft power* no regime nazista na Alemanha, através do uso da propaganda, mas não apenas este tipo de poder foi empregado. Como se sabe, o regime nazista também buscou a imposição de seus métodos e modo de vida buscado através do uso do *hard power*. Como exemplificações, são muito conhecidos os campos de concentrações, como modos de extermínio físico de povos considerados inferiores, além da ação das forças armadas em outras nações e até mesmo dentro da própria Alemanha, buscando extinguir os que se colocassem contra o regime então vigente. No entanto, até mesmo os elementos do *hard power* eram mascarados e amenizados para que o povo não se colocasse contra eles. Neste período, ocorreu o surgimento de uma grande quantidade de indústrias bélicas e expansões recorrentes através de conflitos armados e violentos, que possibilitassem e facilitassem o domínio através deste *hard power*.

Associa-se muito o uso da propaganda como forma de domínio e de atingir o poder à época nazista, mas não apenas estes fizeram tal uso. Ainda hoje a propaganda é utilizada como forma de manipulação de massas e de tentativa de difusão de ideias, ou até mesmo sentimentos. Este campo é um campo perigoso e que precisa de controle, pois trabalha com o subconsciente das pessoas, que são muitas vezes induzidas sem nem perceber. Como exemplo, o candidato à presidência da república em 2014, Eduardo Campos, segundo artigo de Marques (2014), em sua campanha fez uso da ciência hoje conhecida como neuromarketing. Tal ciência estuda as formas que as campanhas publicitárias e eleitorais atuam sobre o cérebro do eleitor e procuram saber como atuar sobre seu inconsciente. Assim, mesmo que adaptado à realidade e às tecnologias atuais, este método se parece com o nazista no sentido de fazer uso da propaganda enquanto *soft power* para difundir ideais entre a massa. Não se busca aqui, no entanto, criticar tal candidato, mas apenas apontar um exemplo, entre inúmeros outros na realidade presente, de que a metodologia do uso da propaganda como instrumento para atingir o domínio e o poder, instaurada no período nazista, se expandiu e continua presente na sociedade.

Entendendo aqui o domínio enquanto poder de controle, se percebe na estratégia do nazismo, fazendo uso da propaganda, uma tentativa de dominar para se atingir o poder, entendendo este segundo as colocações anteriormente colocadas. Seguindo esta linha de raciocínio, se entende que se fez uso da propaganda para que se possa melhor dominar, ter maior poder de controle sobre o povo, criando uma massa de manobra. De fato se entende esta necessidade do partido nazista uma vez que, segundo nossos entendimentos acerca do poder, o mesmo só o possuirá de fato quando, de forma geral, o povo o apontar enquanto

representante da nação. Neste sentido, para se atingir o poder, para ser investido de poder, o partido precisaria dominar, ter poder de controle sobre a população, para que esta o aponte como possuidor das ferramentas ideais para se atingir o bem-estar social. Assim, seria preciso primeiramente difundir amplamente as ideologias nazistas enquanto verdades absolutas, fazer com que o povo não somente acreditasse nelas, mas as aplicassem em seu cotidiano. Apenas assim, com este domínio real sobre o povo através dos métodos de propaganda, o nazismo poderia de fato atingir o poder.

## **2. FATORES QUE LEVARAM A CRIAÇÃO DE UM REGIME NAZISTA TOTALITÁRIO E A CRIAÇÃO DA PROPAGANDA NAZISTA**

### **2.1 O TOTALITARISMO E SUAS IDEOLOGIAS**

No livro *Origens do Totalitarismo* (1989) de Hannah Arendt, permite-nos fazer uma melhor análise e compreensão nos caracteres que compõem o imperialismo e o totalitarismo, ambos elementos de domínio total e com poder de destruição da condição humana. O totalitarismo foi o regime alemão que permitiu o surgimento do antissemitismo moderno e para entendermos este regime precisamos entender sobre o imperialismo e o racismo como ideologia da dominação. Fruto do expansionismo imperialista, o totalitarismo surge com uma expansão econômica que permite a burguesia a participar do processo político devido ao crescimento industrial e a necessidade de escoamento da produção em procurar mercados consumidores. Esta classe começa a se aliar com os governos para expandir o sistema capitalista e atingir a política externa.

Hannah Arendt diz que a expansão imperialista teve dois efeitos na sociedade, além de distribuir e expandir a produção para outras fronteiras serviu como solução para superfluidade de capitais e de homens que se faz até os dias atuais. Os homens que já não estavam tão ativos na sociedade começam a buscar novas fronteiras e se inserem no processo de expansão, fazendo com que eles se sentissem mais úteis. Esta expansão aconteceu dentro modelo do Estado nação que era uma estrutura baseada no consentimento geral de seus cidadãos e na constituição de leis de seu território, sendo assim cada território tinha sua forma de governança e os valores e desejos alheios não abrangia á todos já que cada governo funcionava de maneira diferente. Com esta situação Arendt diz que houve um declínio do Estado nação decorrente da contradição entre os moldes que cada um foi construído e no

expansionismo ilimitado (consistia em uma expansão por si próprio e com uso da força pela força). Sobre os administradores do poder na era passada do imperialismo moderado:

os seus sucessores totalitários, porém, dissolveram e destruíram todas as estruturas politicamente estabilizadas, as suas próprias e as desses outros povos. A mera exportação da violência transformava em senhores os servos — porque eram servos esses administradores — sem lhes dar a mais importante prerrogativa do senhor: a possível criação de algo novo. A concentração monopolista e o acúmulo de violência no país de origem tornavam os servos agentes ativos da destruição dos povos dominados, até que finalmente a expansão totalitária passou a ser uma força destruidora de povos e nações (ARENDDT, 2012, pág. 167).

Além da burguesia outras ferramentas servem como pilares do imperialismo na organização da política e de dominação do povo estrangeiro, que são a raça e a burocracia, elementos estes constituídos nas primeiras décadas do imperialismo. Com o declínio do Estado-nação, a raça surge e para organiza-la e colocar cada um em seu devido lugar surge também a burocracia que fica na posição de governo, que pode variar em sua composição imperialista. O conceito de raça torna possível a organização das pessoas e suas classes, foi através deste conceito que foi possível no nazismo alemão justificar e definir quem eram os membros da aristocracia natural destinada a dominar os outros povos, pois agora existiria a raça pura e a mistura das raças.

Importante frisar que o anti semitismo antes de ser disseminado pelos alemães, já existia na África do Sul com os Boêres, que eram grupos de imigrantes europeus holandeses cuja ideologia era baseada na negação de origem comum do homem, colocando-os como superiores em relação aos povos da África do Sul e por isso os europeus ali existentes não viam mal algum em matar alguém que fosse tão inferior à eles, no caso o homem negro.

É fácil compreender que as fantásticas noções de um secreto poder judeu internacional — noções que resultaram originalmente da intimidade entre o capital bancário judeu e a esfera de negócios do Estado — tenham se tornado mais virulentas na África do Sul do que no continente europeu. Aqui, pela primeira vez, os judeus se viam em meio a uma sociedade racial e foram quase automaticamente escolhidos pelos boêres, entre todos os demais brancos, para objeto de ódio especial, como "raça" diferente a encarnar um princípio diabólico introduzido no mundo normal de "pretos" e "brancos". A violência desse ódio era em parte devida à suspeita de que os judeus, com a sua pretensão messiânica mais antiga e mais autêntica, dificilmente aceitariam a ideia de serem os boêres um povo eleito por Deus. O cristianismo simplesmente rejeitava essa ideia, mas o judaísmo surgia como uma ameaça ideológica e um rival direto na área messiânica. Muito antes que os nazistas promovessem conscientemente um movimento anti semita na África do Sul, a questão racial já tomara conta do conflito entre os estrangeiros e os boêres sob a forma do anti semitismo, apesar de a importância dos judeus na economia aurífera e diamantífera sul-africana não ter sobrevivido ao fim do século XIX." (ARENDDT, 2012, pág. 232)

A expansão continental da Alemanha começou com o movimento de unificação pan-germanista, que tem efeitos ativos na sociedade europeia como o movimento de unificação étnica que agiu em conjunto com a ideologia racista, ambos surgem em um ambiente propenso a desagregação da população já que haviam diversos povos com culturas diferentes, estrangeiros imigrantes que não se identificavam com as concepções de um Estado-nação de onde estavam vivendo e não existia nenhum sentimento de nacionalidade, patriotismo e pátria. Três elementos estavam em combinação nesta expansão continental, o romantismo político, o nacionalismo exacerbado e o patriotismo, estimulado por uma consciência comum da população que começava com a língua, afinidade de sangue e ao culto da pureza do mesmo, atribuindo à raça aariana a qualidade superior as outras raças.

Após a primeira grande guerra, as quedas do império czarista e da monarquia dual marcam um período de guerra civil, desemprego e era cada um por si, ninguém mais tinha proteção e os imigrantes eram vistos como minorias e apátridas. As minorias eram tratadas pelo governo como uma exceção e mesmo com a criação de um Tratado de Minorias, os Estados não conseguiam garantir a proteção deles, podiam trabalhar, pertenciam ao corpo político do lugar que estavam, mas não tinham proteção à sua cultura e sua língua, por exemplo. Já para os apátridas era pior ainda, pois era um grupo que estava no meio de conflitos ideológicos e sofriam além da intolerância de outros povos por representarem algo diferente, a questão de não terem direito nenhum, não estavam inseridos de forma alguma no Estado em que eram jogados para viver, pois o esfacelamento da comunidade europeia fez com que diversas pessoas ficassem mudando de fronteira para fronteira sem dinheiro, identidades e trabalho, a solução mais fácil para o Estado que os recebiam muitas vezes era colocá-los nos campos de concentração.

O totalitarismo reconstrói então os elementos do imperialismo para compor sua ideologia e atingir seus próprios fins e tem sua nomenclatura utilizada para denominar ditaduras monopartidárias. Na Alemanha nazista ela surge em 1933 sob o poder de Hitler. É um modelo de poder bem contraditório e com diversas interpretações, que variavam de acordo com a necessidade de quem estava no comando. É criado um mundo de fantasia para poder continuar fomentando e justificando sua existência, o totalitarismo nada mais é do que uma farsa de uma realidade cotidiana que não pode se tornar estável e se alimenta dessa fantasia e da ausência de confronto com a realidade não totalitária, exemplo disso foi a criação do Fuhrer de uma “seleção racial que não pode parar”. Para a escritora o totalitarismo surge da união de diversos fatores como: intenção de domínio global como movimento político, alcance ideológico universal, apoio de massas e o poder da polícia para garantir que os elementos

antes citados atuem de forma efetiva. Os campos de concentração surgem como laboratórios especiais para o teste do domínio global.

O poder total é representado pela ausência de respeito às normas, e no caso do Estado nazista como forma de iludir a população, teoricamente todos deviam seguir a Constituição de Weimar, que foi feita no auge da crise liberal e visava os direitos sociais, porém seguiam leis confidenciais na esperança (dada pelo governo nazista) de que quando a raça ariana se organizasse tudo voltaria ao normal e todos teriam seus direitos como cidadãos de uma Estado social. O governo tentava passar para a massa que a ética seria igual as leis e ambas se encontravam na consciência dos homens, logo, não precisavam estar escritas.

A Alemanha era um Estado nazista amorfo, ou seja, apresentava a existência do Estado como autoridade aparente e a existência do Partido que era o real poder. Toda a sua composição era amorfa, Hitler buscava a multiplicação de órgãos, dividindo os poderes aparentemente para as massas, pois no final das contas o líder quem tinha domínio e seus desejos eram impostos em todos eles. Toda a composição do totalitarismo e a obediência ao líder garante a perpetuação do regime, ao se distribuir os poderes em diversos órgãos que seguem com a mesma ideologia e domínio em uma mão só. Caso algum membro do partido, não estivesse interessado em seguir com os ideais do governante, era rapidamente substituído para algum outro órgão sem poder decisão, porém aparente para continuar enganando a população. Não era fácil manter tal estrutura, pois o custo operacional para manter todos esses aliados estrategicamente organizados em uma ideologia era altíssimo e também administrativamente a inconstância desses membros organizadores, resultava numa constante descontinuidade dos trabalhos e na falta de acúmulo de experiência. Sendo assim, Hannah defende que o intuito do regime totalitário era apenas de se perpetuar e concretizar o domínio total.

O líder nazista, Adolf Hitler, utilizava de técnicas publicitárias para enganar a população alemã de que o nazismo pregava o bem para o povo alemão, quando a verdade era que a preocupação era apenas com o movimento e suas expansões mundiais. O preparo bélico até 1942 era imenso, porém a economia da Alemanha estava precária. A seleção racial não defende apenas que os alemães fossem raça superior e sim a SS que foi uma organização paramilitar ligada ao partido nazista e a Adolf Hitler, os que não se enquadravam a essas normas de pureza estariam sujeitos ao extermínio, homossexuais, alemães criminosos, doentes em estado terminal e principalmente os judeus que eram vistos como inimigos objetivos e segundo os nazistas tinham uma propensão de causar perigo devido função ideológica ameaçadora ao governo totalitário.

O sistema europeu de Estados nações devido ao péssimo equilíbrio de poder entrou em colapso fazendo com que o nacionalismo tradicional entrasse em declínio e o antissemitismo moderno crescesse. Os nazistas eram grandes nacionalistas e faziam propagandas dirigidas aos simpatizantes e não membros do partido, utilizada para aguçar o preconceito das massas. Os nazistas não permitiam a estreiteza do nacionalismo e em cenário internacional, o seu movimento era mais importante do que o Estado e não se limitava apenas a um território específico. O antissemitismo chegou ao ponto crucial quando os judeus haviam perdido seus cargos em funções públicas e sua influência e a única coisa que lhes restavam eram suas riquezas. Quando Hitler subiu ao poder tirou os judeus de suas posições chave nos bancos e os que viviam na Alemanha (e tinham grande posição social e quantidade em população) entraram em declínio. Os judeus por serem um grupo impotente, ao serem envolvidos em conflitos sociais, podiam ser facilmente acusados de serem os culpados de todas as coisas ruins que aconteciam, e foi isso que Hitler fez.

## 2.2 ANTECEDENTES DO NAZISMO

Adolf afirma que a forma e o conteúdo das palavras de ordem e das diretrizes esquerdistas foram aprendidos muito com os métodos comunistas, onde a base era nacionalista e racista. As leis de Nuremberg foram a junção de três textos adotados pelo governo alemão sob iniciativa de Hitler, foram baseadas em uma crença do racismo científico, derivadas de uma compreensão primitiva genética. O Fuhrer fez com que os nazistas acreditassem que em toda a Europa e América, já existiam leis nazistas que proibiam o intercasamento, assumindo que as nações eram raças e que os arianos eram a mais superior. Eram as leis da bandeira do Reich, da cidadania do Reich e da Proteção do Sangue e honra alemães, este terceiro texto utiliza de instrumentos legislativos para justificar toda a ideologia antissemita do nazismo. Estas leis proibiam casamento entre judeus e alemães, a diferenciação dos cidadãos do Reich, arianos, e os que não eram arianos, tirando dos judeus a cidadania alemã. Determinado pelos nazistas existiam leis de segregação racial e relegavam os judeus a cidadãos de segunda categoria. A discriminação legal contra os judeus vinha com toda força devido respaldos que as Leis de Nuremberg davam e foi crescendo conforme passar do tempo, foi essencial no regime nazista a definição clara de quem era sangue puro, ariano, ou quem era judeu, ser inferior. Judeus foram obrigados a utilizar distintivos com estrelas amarelas para diferencia-los e com a Lei de proteção do sangue alemão e honra foi possível justificar toda a matança que foi deflagrada contra os judeus.

### 2.3 MANIPULAÇÃO E PERSUASÃO

O ditador Adolfo Hitler, foi o primeiro a integrar a retórica da manipulação em gigantescos espetáculos de propaganda, produzindo um poderoso efeito hipnótico sobre os auditórios.

Os discursos de Hitler eram cuidadosamente ensaiados. Modelações no tom de voz, gestos dramáticos, olhares e expressões faciais acentuavam os momentos mais importantes nos seus discursos que abordavam de forma muito emocional quase sempre os mesmos temas: o ódio aos judeus, o desemprego e o orgulho ferido da Alemanha.

Os locais eram decorados de forma a acentuar a sua presença. As paradas militares, bandeiras e símbolos conferiam à sua figura e palavras uma dimensão sobrenatural.

No Congresso de Nuremberg, em 1936, Hitler afirmou: "a propaganda conduziu-nos ao poder, a propaganda permitiu-nos conservar depois o poder, a propaganda, ainda, dar-nos-à a possibilidade de conquistar o mundo". A propaganda nazista assentava em ideias muito simples, que podia ser facilmente apreendidas pelas pessoas. Estas ideias apelavam à emoção, estimulando reações de medo, ódio, violência e desejo de vingança.

Persuadir não é a mesma coisa que manipular. A grande diferença reside na intenção do orador. No caso da persuasão o objetivo é apenas provocar a adesão, apelando a fatores racionais e emocionais. No caso da manipulação, existe uma intenção deliberada de desvalorizar os fatores racionais, apelando a uma adesão emocional. O próprio discurso é baseado em falácias, onde é patente a intenção de confundir o auditório. Uns dos maiores dons que o ser humano possui são o de manipular e persuadir.

Para conseguir atingir os seus objetivos, o reich conseguia tratar e até transformar os seus espectadores em objetos, não se importava com os sentimentos ou qualquer pensamento diferente, apenas tinha o interesse de atingir os seus objetivos em tornar a Alemanha pura e conquistar o poder total.

### 3. COMO A PROPAGANDA NAZISTA ERA GUIADA PELO ANTISSEMITISMO

#### 3.1 O SIGNIFICADO DA PROPAGANDA

Norberto Bobbio, cientista político, tenta explicar em seu dicionário da política, um pouco sobre o significado da propaganda e suas vertentes. Explica que a propaganda poder ser definida como difusão deliberada e sistemática de mensagens destinadas a um determinado público com o objetivo de criar uma imagem e também gerar comportamentos, podendo ser negativa ou positiva. É um esforço consciente com intenção de influenciar opiniões e ações de determinado público ou sociedade. A propaganda muitas vezes está ligada a conotações negativas, pois muitas vezes está ligada a ideia de manipulação de grandes massas por pequenos grupos dominantes, realça elementos emotivos, recorrendo a estereótipos e realça apenas o que é interessante para o que está sendo apresentado. Foi amplamente utilizada por regimes totalitários, o que fez piorar ainda mais a imagem desta ferramenta a uma conotação negativa. O Grande aumento da população mundial na década de 90, a Revolução Industrial com a urbanização de grandes massas, o constante progresso da tecnologia das comunicações em principal a influência da imprensa manipulada pelas elites e o surgimento de movimentos políticos de massa (em especial o movimento socialista) foram responsáveis pela importância e propagação das formas e uso da propaganda.

Com a onda de nacionalismo que começou a invadir os países com a derrubada dos impérios coloniais as comunicações em massa começaram a crescer e para passar os ideais além da palavra dita começou a ter grande influência o poder da imagem. Duas direções podem ser encontradas no uso da propaganda, ela pode ser interna, voltada para o sistema político e externa que é a utilizada nas relações entre os Estados. Esta segunda direção é utilizada com objetivo de estender a opinião pública e em épocas pacíficas serve para fomentar sentimento de solidariedade e paz entre países, com intenção de também obter e manter um certo respeito. Já em tempos de conflito e guerras o objetivo principal é de enfraquecer o inimigo inibindo a coragem e debilitando as estruturas internas do mesmo.

Em um regime totalitário a natureza da propaganda é firmemente controlada pelo Estado ou partido dominante, que a utilizam com o objetivo de expansão e consolidação do regime implantado. Desta forma consegue aplicar e difundir na população, ou seja, da massa uma versão mais simples da ideologia oficial a se seguir e também combater pequenos grupos de opositores. O uso da imagem e da imprensa na propaganda, permitia aos regimes políticos

atingirem eficazmente, em termos de comunicação, as camadas mais vastas da população. Manifestações também podem ser utilizadas como meio de propagação de ideologia, na Alemanha nazista por exemplo, as manifestações espetaculares eram rigorosamente estudadas e ensaiadas, controladas pela SSA e envolviam grandes massas. Valiam-se de símbolos, uniformes, músicas ligadas a ideologia do partido, bandeiras, gestos, uma série de elementos destinados a criar nos participantes um vínculo emotivo e um motivo para seguir o líder. O nazismo também utilizou de outras ferramentas da propaganda como filmes e produções teatrais que tinham como objetivo impor os ideais e mostrar que tudo o que Hitler defendia tinha grande importância e mais nada poderia ser diferente do que as diretrizes que o mesmo apontava. As mensagens que eram passadas para a massa eram sempre condensadas e simplificadas ao máximo para que fossem facilmente captadas e recordadas, tinham níveis intelectuais baixos para que a informação pudesse atingir um número maior de pessoas e eram repetidas por inúmeras vezes de forma a saturar a mente do indivíduo induzindo-o a aderir às teses que lhes eram apresentadas de forma conformada.

### 3.2 PROPAGANDA NAZISTA E O ANTISSEMITISMO

Adolf Hitler defendia o uso da propaganda política para disseminar seu ideal de Nacional Socialismo que compreendia o racismo, o antissemitismo e o anti bolchevismo. Ao assumir o poder em 1933, Hitler estabelece o Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda que era liderado por Joseph Goebbels, propagandista e político alemão. Tinha como objetivo garantir que a mensagem nazista fosse transmitida com sucesso através de todos os meios de comunicação possíveis na época, como arte, música, teatro, imprensa até em materiais escolares. A sociedade era constantemente lembrada de suas lutas contra os inimigos estrangeiros e de uma repulsa aos judeus e existia o incentivo a passividade e aceitação das medidas iminentes contra os judeus, uma vez que o governo nazista interferia na ordem do governo alemão visto que na primeira grande guerra, a ordem do governo alemão tinha sido derrubado.

Através da propaganda nazista, o povo era diariamente preparado para uma guerra, os alemães passavam para a sociedade que existia uma perseguição, real ou imaginária, contra a sua população com etnia alemã que viviam nos países do leste europeu, visto que tais territórios não pertenciam mais aos alemães depois da Primeira Guerra. Uma constante cobrança da lealdade política e consciência racial(imposta pelo regime totalitário e ideais nazistas) existia, e para o Fuhrer toda população com etnia alemã deveria ser fiel aos ideais

que lhes iram impostos. Um dos principais objetivos da propaganda nazista era o de mostrar poder no cenário internacional, principalmente para as grandes potências europeias, já que após a primeira guerra a Alemanha saiu bem devastada e perdedora.

Buscavam passar que estavam fazendo demandas justas e compreensíveis no que diz respeito aos territórios que estavam querendo tomar poder.

O Estado alemão havia feito um pacto (Pacto Ribentrop) de 5 anos de não agressão, firmando a paz entre eles e a União Soviética, foi feito as vésperas da Segunda Guerra Mundial e foi quebrado pela própria Alemanha que invadiu a URSS, após esta invasão a propaganda nazista passou a se dirigir aos civis dentro do estado e aos soldados e policiais alemães que serviam nos territórios ocupados. Os auxiliares não alemães também não foram poupados de tal ação e para serem persuadidos o governo utiliza de um elo imaginário entre o comunismo soviético e o judaísmo europeu, se apresentando como defensor da cultura ocidental contra a ameaça de bolchevique. A propaganda aterrorizava a população com a imagem negativa do que aconteceria se os soviéticos ganhassem a guerra que foi fomentada logo após a derrota da Alemanha em Stalingrado, em fevereiro de 1943. Mostrou o quanto a Rússia tinha um poder sobre natural e serviu como exemplo e instrumento de persuasão para com os alemães, nazistas ou não, de que uma união seria necessária e precisariam lutar até o fim.

O cinema teve um papel muito importante no que diz respeito a disseminação de ideias do antissemitismo racial, da superioridade do poder militar alemão e da essência malévolos de seus inimigos. Os filmes retratavam os judeus como seres “sub-humanos” que se infiltraram na sociedade ariana, eram parasitas culturais ambulantes consumidos pelo sexo e amor ao dinheiro. Os jornais publicavam caricaturas ironizando os judeus e alimentando o antissemitismo.

O fascínio é um fenômeno social, e o fascínio que Hitler exercia sobre o seu ambiente deve ser definido em termos daqueles que o rodeavam. A sociedade tende a aceitar uma pessoa pelo que ela pretende ser, de sorte que um louco que finja ser um gênio sempre tem certa possibilidade de merecer crédito, pelo menos no início. Na sociedade moderna cuja falta de discernimento, essa tendência é ainda maior, de modo que uma pessoa que não apenas tem certas opiniões, mas as apresenta num tom de inabalável convicção, não perde facilmente o prestígio, não importa quantas vezes tenha sido demonstrado o seu erro (ARENDR, 2012 p.355)

Com a invasão da Polônia em setembro de 1939, a Alemanha deflagra a Segunda grande guerra e utiliza mais do que nunca propagandas para causar a impressão de que os judeus além de seres humanos eles também eram perigosos para o governo do Reich. O regime totalitário nazista buscava um consentimento da população para as políticas que tinha

como objetivo a “limpeza”, a erradicação dos judeus nas áreas onde existissem alemães puros. Esta ação foi chamada de Solução final e buscava o extermínio em massa de judeus. Nos campos de concentração quando recebiam visitas, os soldados da SS forçavam as vítimas a aparentar normalidade, chegavam a forçar que antes dos exterminados irem para câmara de gás, escrevessem cartões postais aparentando estarem bem para os seus familiares, criando uma fachada de tranquilidade necessária para tirarem os judeus da Alemanha e países ocupados pelo governo nazista de forma tranquila e sem grandes alardes. As atrocidades cometidas eram fantasiadas pelas autoridades para que a população não soubesse das brutalidades cometidas pelo seu governo ideal.

A fantasia era tanta que a polícia de segurança alemã permitiu uma visita da equipe da Cruz Vermelha Internacional. O campo de concentração escolhido foi o de Theresienstadt e a partir desta visita em novembro de 1941, foi utilizado como instrumento de propaganda para todos que quisessem visitar algum campo. Para os que não entendiam como era feita a deportação dos judeus, alemães e austríacos de alta idade, veteranos de guerra incapacitados, homossexuais e todos os que não faziam parte da sociedade ariana ideal, podiam ter acesso a este campo, que passou por um processo de embelezamento. Até um filme foi rodado pelas autoridades da SS usando residentes do gueto para demonstrar o maravilhoso tratamento que recebiam, mostravam a bondade do governo alemão por dar moradia e garantir os direitos mesmo para os que não eram dignos de viver sob os ideais alemães. O regime nazista até o final de seu governo utilizou da propaganda de forma efetiva para contar com a aceitação de toda população que aceitavam seus ideais políticos, era essencial para dar motivação aos que executavam as leis e determinações do Reich, servia de desculpa e consolo para as pessoas que permaneciam como espectadores da perseguição racial e extermínio em massa dos que não estavam dentro dos padrões do nazismo.

### 3.3 A BANALIDADE DO MAL

Hannah Arendt explica em seus estudos como a propaganda e a influência nazista fizeram com que a população ficasse cega para as atrocidades que estavam sendo cometidas. Em 1960 um líder nazista, Adolf Eichmann, foi sequestrado em Buenos Aires e levado pelas autoridades judaicas para Jerusalém, ele iria ser julgado por todos os seus atos nazistas feitas contra os judeus. O jornal New Yorker convidou a escritora para cobrir o julgamento. A conclusão de Hannah chega ser criticada e abusiva para os judeus, visto que a escritora era judia e os judeus foram grandes vítimas do regime totalitário nazista. Porém, Arendt entendeu

o quanto a propaganda nazista foi primordial para tornar o homem alemão incapaz de medir ou pensar em seus atos. Eichmann chegou a contar em interrogatório que:

considerava os judeus como oponentes para os quais era preciso encontrar uma solução mutuamente justa, mutuamente aceitável(...) Essa solução, eu imaginei que era colocar solo firme debaixo de seus pés, de forma que tivessem um lugar próprio, um solo próprio. E estava trabalhando alegremente em direção a essa solução. Eu cooperei para se chegar a essa solução com muita alegria, porque era também o tipo de solução que era aprovada pelos movimentos do próprio povo judeu, e eu considerava isso a solução mais adequada para o assunto (Trecho do filme Hannah Arendt, Lançado em 29 de Maio 2013).

Mal sabia ele que estaria ajudando o partido nazista a chegar na ação de extermínio da Solução Final.

Uma corte só deveria ter interesse em executar as demandas da justiça, porém não foi uma tarefa fácil já que os crimes cometidos por Eichmann não constavam em livros jurídicos. Era um criminoso nunca conhecido em qualquer corte antes de Nuremberg. Para realizar o julgamento dele não existia um método, história ou um sistema para julgá-lo, existia uma ira vinda do judeus com a chance de cobrar tudo o que foi feito de ruim para eles pelo criminoso. Adolf insistia em renunciar suas qualidades pessoais, como se não houvesse mais ninguém a ser perdoado ou punido, ele discordava diversas vezes das afirmações feitas pelo promotor da corte, afirmando que nunca havia feito nada por iniciativa própria, que suas intenções nunca foram boas ou ruins, ele apenas estava seguindo ordens. Claro que para os judeus que estavam desejando a vingança, essa desculpa era tipicamente utilizada pelos nazistas e causa uma ira maior ainda. O mal que foi cometido pelos nazistas guiados pelo ideal do Reich era um mal que podia ser considerado ser cometido por ninguém, pois era um mal sem emoção, sem convicções e sem motivos perversos, foi um mal cometido por pessoas que se recuraram a serem pessoas.

A propaganda política influenciava tanto os que seguiam e recebiam ordens do líderes do governo nazista, que era como se a consciência faltasse para estes exterminadores. A resistência era impossível, uma totalidade do colapso moral na sociedade europeia, havia sido conquistada pelos nazistas. Teve um alcance enorme, tanto nos acusados quanto nas vítimas que chegaram a acreditar que realmente eram merecedores de tal atrocidade, visto que os alemães nazistas negavam um título de humano aos judeus. Para Hannah existe um reconcílio entre a mediocridade chocante do homem com seus atos repulsivos, não significa que todos os judeus devem perdoar os atos cometidos por um povo que foi claramente manipulado e influenciado por um ideal totalitarista, mas deve-se buscar entender os fundamentos e as

ferramentas que foram utilizadas para que as pessoas ficasse incapazes de medir o grau de suas atitudes, sem saber a diferença do bom ou do mal.

Desde Sócrates e Platão costumava-se achar que pensar seria o diálogo silencioso entre os o eu e o eu mesmo e principalmente no governo totalitário não existia uma abertura para se criticar, porque se a pessoa fosse contra a ideologia ela seria tirada do poder que estava exercendo e logo depois exterminado para não dar abertura a futuras rebeliões contra o ideal. Então pode-se dizer que Eichmann abdicou totalmente qualidade humana mais singular que nos é dada, a qualidade e capacidade de pensar, sendo assim incapaz de fazer julgamentos morais sobre suas atitudes. Esta inabilidade de pensar que o regime totalitário nazista criou nas pessoas criou a possibilidade para que vários homens comuns cometessem atos perversos em larga escala como nunca visto antes. Segundo Hannah: A manifestação do vento do pensamento não é o conhecimento mas sim a habilidade de discernir o certo do errado, o belo do feio. Pensar dar as pessoas a força para evitar catástrofes nos raros momentos em que as fichas estão para baixo.

#### 3.4 UMA NOVA FORMA DE GOVERNO

O totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país. Com um governo de terror, fez do homem um servidor ideal, aquele que já não consegue diferenciar o falso do verdadeiro e nem muito mesmo o fato da ficção, faz com que as pessoas percam o contato com os seus semelhantes e a realidade. Os homens passam a agir de acordo com a lógica do pensamento ideológico. Os homens servidores do Estado passaram a se isolar uns contra os outros, provocando um isolamento que conseqüentemente causa uma impotência nos homens, já que não mais trabalham em conjunto. Tira deles a vida pública e a capacidade de ação por vontade própria, a capacidade de sentir, inventar e pensar. O Fuhrer conseguiu uma lealdade tão grande de seus serventes devida lavagem cerebral que fez em suas mentes, devido o sentimento que criou de que tal ideologia era a mais certa a se seguir e ele não conseguiria ter alcançado tais ações se não fosse pelo poder da propaganda que é alimentado pela manipulação e pela persuasão. Segundo Hannah Arendt, Hitler exercia um fascínio que supostamente cativava a todos:

O “feitiço” com que Hitler dominava os seus ouvintes foi reconhecido muitas vezes...o estranho magnetismo que Hitler irradiava com força era devido a crença fanática que ele tinha em si mesmo, em sua competência sobre qualquer assunto, e no fato de que qualquer parecer que emitisse – fosse a respeito dos efeitos nocivos

do fumo ou sobre a política de Napoleão – sempre podia ser incluído numa ideologia que pretendia abranger todas as coisas do mundo (ARENDR, 2012, Pág. 355).

O governo totalitário segue com o apoio total das massas, sejam aqueles conquistados com palavras mentirosas ou seja por seus simpatizantes de forma geral, muita gente não sabia o que estava realmente acontecendo. O governo contava com o apoio de uma polícia secreta, apoderando-se do Estado de forma sorrateira desprezando os interesses materiais da nação, sujeitando a todos a participarem de forma inconsciente de todo esse terror, segundo Arendt o terror era a realização da lei do movimento. Os nazistas acreditavam que estavam apenas apressando um movimento natural, algo que já iria acontecer, a eliminação das diferenças lei e realidade, trazendo uma justiça na terra que para eles não era o bem comum dos homens ou da sociedade e sim a força de um movimento que buscava destruir cada característica de liberdade do homem. Buscava a possibilidade de aniquilar a pluralidade do homem e essa ação era executada através do canto da morte dos campos de concentração. É muito difícil entender como a propaganda foi um dos principais alavancadores do movimento nazista, não há como classificar a qualidade dos crimes, visto que foi uma destruição em massa das características que compunham a natureza humana, da individualidade de cada homem, atingiam uma autodestruição humana. O totalitarismo conseguiu matar o homem em três formas diferentes, como pessoa jurídica, moral e individual, excluindo assim o ser de qualquer proteção de lei e aniquilando a singularidade de cada um, os privando de qualquer espontaneidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de Propaganda e Comunicação de Estado têm sido associados de modo quase orgânico à construção da marca nazista como representação da autocracia que dominou a Alemanha a partir de 1933, com a ascensão do partido nacional socialista ao poder, até sua derrocada, em 1944, com a vitória dos Aliados no final da Segunda Guerra Mundial. Esta simplificação acaba por conotar à palavra propaganda um caráter simbolicamente pejorativo, sendo que esta simplificação não representa sua amplitude e utilização para a construção de marcas de governos através do uso da comunicação integrada de marketing.

Esta monografia busca mostrar a ascensão do antissemitismo a partir da Segunda Guerra Mundial e que ganhou proeminência com a eficácia da máquina de propaganda nazista. A comunicação governamental deve publicizar as ações implementadas para estimular a percepção da capacidade administrativa e de governança, de modo a atender às expectativas geradas no período eleitoral ou justificar a impossibilidade de realizar parte delas. Este conjunto de ações e impossibilidades de ações, se trabalhado de modo consistente, pode gerar uma percepção popular de competência e, conseqüentemente, criar uma imagem de marca positiva do governo.

No modelo tradicional de comunicação de marketing, a identidade de marca seria a mensagem no instante em que é emitida pelo emissor (governo), e que faz uso de seus elementos de identificação, como slogan, símbolos, cores e demais identificadores, enquanto a imagem de marca seria a mensagem assim que esta atinge o receptor (cidadão) e ele a interpreta.

A comunicação da marca precisa ser consistente em todas as etapas de sua relação com o consumidor e a avaliação da sua performance e credibilidade é permanente, pois a experiência do cliente está em todos os pontos de contato entre ambos (*touchpoints*), daí a relevância entre o que uma marca promete e o que ela realmente entrega. Em política não é diferente. Não basta informar ao cidadão, o governo deve dialogar com ele, num processo permanente e planejado do composto de comunicação de marketing: publicidade e propaganda, que era o caso do governo de Hitler e quaisquer outras formas de gerar pontos de contato com o potencial consumidor.

Adolf Hitler utilizou variadas ferramentas de comunicação de marketing para difundir suas ideias, com o uso de *branded content* em cinema, rádio, revista e jornal; produção de eventos, uso de assessoria de imprensa e relações públicas, moda, publicidade e propaganda, etc. e, através desta análise, cotejar com o ferramental de marketing, comprovando que a

comunicação integrada, independente de nomenclaturas, é fundamental no marketing político para a propagação de ideias e para influenciar as percepções sociais.

Embora esteja bastante associada à construção e difusão da ideologia nazista, a propaganda teve forte impulso na primeira metade do século passado com o aparelhamento do Estado realizada pelo governo norte-americano, que buscava difundir o *american way of life* para dentro de suas fronteiras e, posteriormente, para o restante do planeta. O nazismo, em decorrência de facilidades administrativas características das autocracias, teve mais opções e amplitude para implementar seu uso. O uso integrado do que hoje chamamos de ferramentas de comunicação de marketing para a construção de marcas governamentais, ou transmissão de ideologias teve início neste período citado acima, com o uso de meios de comunicação de massa que foram evoluindo com o tempo.

A centralidade do conceito de Superioridade do povo alemão na construção estratégica de identidades e imagens de marca justifica e consolida a relação com a Comunicação Integrada de Marketing, já que uma ferramenta é capaz de impulsionar por sinergia as interpretações da outra ferramenta, desde que elas estejam divulgando o mesmo conceito, com as devidas adequações às suas linguagens.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1985

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. Ed. Companhia de Bolso, São Paulo, 1ª edição, 2012.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Ciência Política**. Brasília, Universidade de Brasília, 11ª Edição, 1998, p.466

CARR. E. H. **Vinte anos de Crise**. São Paulo: FUNAG, 2001.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política: Território, escalas de ação e instituições**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2011

CLAUSEWITZ. **Guerra e a Política**. Ijuí: Unijuí, 2014.

DURKHEIM, E. "O que é fato social?" In: **As Regras do Método Sociológico**. Trad. por Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6.a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972. p. 1-4, 5, 8-11.

KEY, Wilson Bryan. **A Era da Manipulação**. São Paulo: Scritta, 1996.

KOTLER, P. et al.. **Marketing 3.0**. Rio de Janeiro, Campus, 2010.

KOTLER, P. & KELLER, K. L. **Administração de Marketing**. São Paulo, Prentice Hall, 2006.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O Poder das Imagens**. São Paulo, Alameda, 2012.

PINHO, J. B. **O Poder Das Marcas**. São Paulo: Summus, 1996.

LIGA DAS NAÇÕES, 1936, p.4

## **Páginas Web**

MARQUES, Mirella. Candidatos querem conquistar o cérebro do eleitor: O neuromarketing está sendo cada vez mais utilizado pelos políticos para a elaboração de estratégias para as campanhas eleitorais. **Diário de Pernambuco**. Recife, 12 abr. 2014. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2014/04/12/interna\\_politica,498782/candidatos-querem-conquistar-o-cerebro-do-eleitor.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2014/04/12/interna_politica,498782/candidatos-querem-conquistar-o-cerebro-do-eleitor.shtml)>. Acesso em: 20 fev. 2015.

FERNANDES, Cláudio. **Nazismo**. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/nazismo.htm>>. Acesso em 20/03/2015.

## **Filme**

Zeitgeist Films, Hannah Arendt, Lançado em 29 de Maio de 2013